

MANUEL VILAS

EM TUDO HAVIA BELEZA



MANUEL VILAS
EM TUDO
HAVIA BELEZA

TUSQUETS
EDITORES

Tradução

Sandra Martha Dolinsky

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © 2018 Manuel Vilas
Casanovas & Lynch Agência Literária
Penguin Random House Grupo Editorial (Barcelona) © 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky
Título original: *Ordesa*
Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Elisa Martins e Mariana Rimoli
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: adaptada do projeto gráfico original de Companhia
Imagem de capa: © bilwissedition/ imageBROKER/ Fotoarena

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Vilas, Manuel
Em tudo havia beleza / Manuel Vilas; tradução de Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
352 p.
ISBN 978-85-422-2072-8
Título original: *Ordesa*
1. Escritores – Espanha 2. Vilas, Manuel – Biografia I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha
23-0396 CDD 809

Índices para catálogo sistemático:
1. Escritores – Espanha – Biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

1

Quem dera se pudesse medir a dor humana com números claros, e não com palavras incertas. Quem dera houvesse uma maneira de saber quanto sofremos, e que a dor tivesse matéria e medição. Todo homem acaba, um dia ou outro, enfrentando a falta de substância de sua passagem pelo mundo. Alguns seres humanos podem suportar isso; eu nunca suportarei.

Nunca suportei.

Olhava a cidade de Madri, e a irrealidade de suas ruas e de suas casas e de seus seres humanos enchia todo o meu corpo de chagas.

Fui um *Ecce homo*. Não entendi a vida.

As conversas com outros seres humanos tornaram-se chatas, lentas, daninhas.

Doía falar com os outros: via a inutilidade de todas as conversas humanas que foram e serão. Via o esquecimento das conversas quando estas ainda estavam presentes.

A queda antes da queda.

A vaidade das conversas, a vaidade daquele que fala, a vaidade do que responde. As vaidades pactuadas para que o mundo possa existir.

Foi quando voltei mais uma vez a pensar em meu pai. Porque pensei que as conversas que havia tido com ele foram as únicas que valeram a pena. Voltei a essas conversas, à espera de conseguir um momento de descanso no meio do desvanecimento geral de todas as coisas.

Achei que meu cérebro estava fossilizado, não era capaz de resolver operações cerebrais simples. Somava as placas dos carros, e essas operações matemáticas me faziam afundar em uma profunda tristeza. Cometia erros na hora de falar espanhol. Demorava para articular uma frase, ficava em silêncio, e meu interlocutor me olhava com pena ou desdém, e era ele quem acabava minha frase.

Gaguejava e repetia mil vezes a mesma oração. Talvez houvesse beleza nessa disfemia emocional. Pedi satisfações a meu pai. Pensava o tempo todo na vida de meu pai. Tentava encontrar em sua vida uma explicação da minha. Tornei-me um ser aterrorizado e visionário.

Olhava-me no espelho e via não meu envelhecimento, e sim o de outro ser que já havia estado neste mundo. Via o envelhecimento de meu pai. Assim podia recordá-lo perfeitamente, bastava eu me olhar no espelho e aparecia ele, como em uma liturgia desconhecida, como em uma cerimônia xamânica, como em uma ordem teológica invertida.

Não havia nenhuma alegria nem nenhuma felicidade no reencontro com meu pai no espelho, e sim mais um aperto de dor, mais um grau na descida, na hipotermia de dois cadáveres que falam.

Vejo o que não foi feito para a visibilidade, vejo a morte em extensão e em fundamentação da matéria, vejo a imponderabilidade global de todas as coisas. Estava lendo Teresa d'Ávila, e aconteciam coisas com essa mulher parecidas com as que acontecem comigo. Ela as chamava de uma maneira, e eu de outra.

Comecei a escrever; só escrevendo eu podia dar saída a tantas mensagens obscuras que provinham dos corpos humanos, das ruas, das cidades, da política, dos meios de comunicação, do que somos.

O grande fantasma do que somos: uma construção afastada da natureza. O grande fantasma é bem-sucedido: a humanidade está convencida de sua existência. É aí que começam meus problemas.

Havia no ano de 2015 uma tristeza que caminhava por todo o planeta e entrava nas sociedades humanas como se fosse um vírus.

Passei por um scanner cerebral. Consultei um neurologista. Era um homem corpulento, calvo, com as unhas bem cuidadas, com gravata por baixo do jaleco branco. Mandou-me fazer exames. Disse que não havia nada de estranho em minha cabeça. Que estava tudo bem.

E comecei a escrever este livro.

Pensei que o estado de minha alma era uma vaga recordação de algo que ocorreu em um lugar do norte da Espanha chamado Ordesa, um local cheio de montanhas, e era uma recordação amarela; a cor amarela invadia o nome de Ordesa, e por trás de Ordesa se desenhava a figura de meu pai em um verão de 1969.

Um estado mental que é um lugar: Ordesa. E também uma cor: o amarelo.

Tudo se tornou amarelo. O fato de as coisas e os seres humanos se tornarem amarelos significa que atingiram a inconsistência, ou o rancor.

A dor é amarela, é isso que quero dizer.

Escrevo estas palavras em 9 de maio do ano de 2015. Há setenta anos, a Alemanha assinava sua rendição incondicional. Em dois dias as fotos de Hitler seriam substituídas pelas de Stalin.

A História é também um corpo com remorso. Tenho cinquenta e dois anos e sou a história de mim mesmo.

Meus dois filhos estão entrando em casa agora mesmo; foram jogar pádel. Já está um calor horrível. A insistência do calor, sua vinda constante sobre os homens, sobre o planeta.

E o crescimento do calor sobre a humanidade. Não é só a mudança climática, é uma espécie de recordativo da História, uma espécie de vingança dos mitos velhos sobre os mitos novos. A mudança climática não é mais que uma atualização do apocalipse. Gostamos do apocalipse. Carregamos o apocalipse na genética.

O apartamento onde moro está sujo, cheio de pó. Tentei limpá-lo várias vezes, mas é impossível. Nunca soube limpar, e não porque não tenha tido interesse. Talvez haja em mim algum resíduo genético que me estabelece parentesco com a aristocracia. Acho isso bastante improvável.

Moro na avenida Ranillas, em uma cidade do norte da Espanha cujo nome não recordo agora: só há pó, calor e formigas aqui. Há um tempo teve uma infestação de formigas e as matei com o aspirador: centenas de formigas aspiradas, e me senti um legítimo genocida. Olho a frigideira que está na cozinha. A gordura grudada na frigideira. Preciso lavá-la. Não sei o que darei a meus filhos para comer. A banalidade da comida. Pela janela se vê um templo católico recebendo impertérrito a luz do sol, seu fogo ateu. O fogo do sol que Deus manda diretamente sobre a Terra como se fosse uma bola preta, suja, miserável, como se fosse podridão, lixo. Ninguém vê o lixo do sol?

Não há gente nas ruas. Onde moro não há ruas, e sim calçadas vazias, cheias de terra e gafanhotos mortos. As pessoas viajaram, de férias. Curtem nas praias a água do mar. Os gafanhotos mortos também fundaram famílias e tiveram dias de festa, dias de Natal e comemorações de aniversários.

Somos todos pobre gente, enfiados no túnel da existência. A existência é uma categoria moral. Existir nos obriga a fazer, a fazer coisas, seja o que for.

Se há algo que percebi na vida é que todos os homens e mulheres são uma única existência. Essa única existência um dia terá uma representação política, e nesse dia daremos um passo à frente. Eu não o verei. Há muitas coisas que não verei e que estou vendo neste momento.

Sempre vi coisas.

Os mortos sempre falaram comigo.

Vi tantas coisas que o futuro acabou falando comigo como se fôssemos vizinhos ou até amigos.

Estou falando desses seres, dos fantasmas, dos mortos, de meus pais mortos, do amor que tive por eles, desse amor que não vai embora.

Ninguém sabe o que é o amor.

TUSQUETS
EDITORES

2

Depois de meu divórcio (ocorrido há um ano – se bem que nunca se sabe muito bem o tempo, porque não é uma data, e sim um processo. Se bem que oficialmente é uma data; para efeitos judiciais talvez seja um dia específico; de qualquer maneira, teríamos que levar em conta muitas datas significativas: a primeira vez que pensamos nisso, a segunda vez, o amontoamento das vezes, a próspera aquisição de fatos cheios de desavenças e discussões e tristezas que vão sedimentando o pensado, e por fim a saída de casa; e a partida é, talvez, o que precipita a cascata de acontecimentos que acabam em um taxativo acontecimento judicial, que parece o fim do ponto de vista legal; pois o ponto de vista legal é quase uma bússola no precipício, uma ciência, de vez em quando precisamos de uma ciência que dê racionalidade, um princípio de certeza), tornei-me o homem que já havia sido muitos anos atrás, ou seja, tive que comprar um esfregão e uma escovinha, e produtos de limpeza, muitos produtos de limpeza.

O porteiro do prédio estava à porta. Conversamos um pouco. Algo relacionado com um jogo de futebol. Eu também penso na vida das pessoas. O porteiro é de raça oriental, mas sua nacionalidade é equatoriana. Está há muito tempo na Espanha, não se lembra do Equador. Sei que, no fundo, ele tem inveja de meu apartamento. Por pior que seja nossa vida, sempre há alguém que nos inveja. É uma espécie de sarcasmo cósmico.

Meu filho me ajudou a limpar a casa. Havia um monte de correspondência amontoadá, cheia de pó.

Eu pegava um envelope e sentia essa sensação nojenta que deixa o pó, quase a ponto de ser terra, nas pontas dos dedos.

Havia desbotadas cartas de amor antigo, inocentes e doces cartas da juventude, cartas da mãe de meu filho que foi minha mulher. Disse a meu filho que pusesse isso na gaveta de recordações. Pusamos ali também fotos

de meu pai e uma bolsa de minha mãe. Uma espécie de cemitério da memória. Não quis, ou não pude, deter o olhar nesses objetos. Toquei-os com amor e com dor.

Você não sabe o que fazer com todas essas coisas, não é?, disse meu filho.

Há mais coisas ainda; os boletos e os papéis que parecem importantes, como os seguros, e as cartas do banco, eu disse a ele.

Os bancos arrasam nossa caixa de correspondência com cartas deprimentes. Um monte de extratos bancários. As cartas do banco me deixam nervoso. Vêm nos dizer o que somos. Impelem-nos à reflexão de nosso nulo sentido no mundo.

Fiquei olhando extratos bancários.

Por que gosta de manter o ar-condicionado tão frio?, perguntou ele.

Tenho pânico do calor, meu pai também tinha. Lembra-se de seu avô?

Essa é uma pergunta desagradável, porque meu filho pensa que com esse tipo de conversa busco algum tipo de vantagem, algum tipo de tratamento benévolo da parte dele.

Meu filho tem capacidade de resolução e de trabalho. Foi minucioso ajudando-me na limpeza de meu apartamento.

De repente, achei que meu apartamento não valia o dinheiro que estou pagando por ele. Imagino que essa certeza é a prova de maturidade mais óbvia de uma inteligência humana sob o peso do capitalismo. Mas graças ao capitalismo tenho casa.

Pensei, como sempre, na ruína econômica. A vida de um homem é, em essência, a tentativa de não cair na ruína econômica. Não importa com que trabalhe, esse é o grande fracasso. Se não sabemos alimentar nossos filhos, não temos nenhuma razão para existir em sociedade.

Ninguém sabe se é possível viver se não for socialmente. O apreço dos outros acaba sendo o único certificado de nossa existência. O apreço é um moral, configura os valores e o julgamento que existe sobre nós, e desse julgamento se depreende nossa posição no mundo. É uma luta entre o corpo, nosso corpo, onde reside a vida, e o valor dele para os outros. Se as pessoas nos cobiçam, se cobiçam nossa presença, está tudo bem.

No entanto, a morte – essa louca sociopata – iguala todos os apreços sociais e morais com a corrupção da carne, que continua ativa. Muito se

fala da corrupção política e moral, e muito pouco da corrupção de um corpo nas mãos da morte: da inflamação, da explosão de gases nauseabundos e da conversão do cadáver em fedor.

Meu pai falava muito pouco de sua mãe. Só se lembrava de que cozinava bem. Minha avó foi embora de Barbastro no fim dos anos 1960 e não voltou mais. Deve ter sido 1969. Foi morar com a filha.

Barbastro é o povoado onde nasci e onde me criei. Quando nasci, tinha dez mil habitantes. Agora tem 17 mil. Conforme o tempo passa, esse povoado vai tendo a força de um destino cósmico e ao mesmo tempo privado.

Esse desejo de transformar o informe em um personagem com forma os antigos chamaram de “alegoria”. Porque para quase todos os seres humanos o passado tem a concreção de um personagem de romance.

Lembro-me de uma foto dos anos 1950 de meu pai dentro de seu Seat 600. Quase não dá pra ver, mas é ele. É uma foto estranha, comum daquela época, com ruas como se fossem novas. Ao fundo há um Renault Ondine e uma rodinha de mulheres; mulheres de costas, com suas bolsas, mulheres que agora já devem estar mortas ou ser idosas. Noto a cabeça de meu pai dentro do Seat 600 com placa de Barcelona. Nunca aludiu a esse fato – ao fato de que seu primeiro Seat 600 tinha placa de Barcelona. Não parece nem verão nem inverno. Pode ser fim de setembro ou fim de maio, calculo pela roupa das mulheres.



Pouco cabe dizer sobre o desmoronamento de todas as coisas que foram. Cabe apontar minha fascinação pessoal por esse automóvel, por esse Seat 600, que foi motivo de alegria para milhões de espanhóis, que foi motivo de esperança ateia e material, que foi motivo de fé no futuro das máquinas pessoais, que foi motivo para viagens, que foi motivo para o conhecimento de outros lugares e outras cidades, que foi motivo para pensar nos labirintos da geografia e dos caminhos, que foi motivo para visitar rios e praias, que foi motivo para fechar-se dentro de um cubículo separado do mundo.

A placa é de Barcelona, e o número é um número perdido: 186.025. Algo deve restar dessa placa em algum lugar, e pensar assim é como ter fé.

Consciência de classe é algo que nunca deve nos faltar. Meu pai fez o que pôde com a Espanha: arrumou um emprego, trabalhou, fundou uma família e morreu.

E há poucas alternativas para esses fatos.

A família é uma forma de felicidade testada. Quem decide ficar solteiro, como já se provou estatisticamente, morre cedo. E ninguém quer morrer antes da hora. Porque morrer não tem graça nenhuma e é coisa antiga. O desejo de morte é um anacronismo. E descobrimos isso há pouco tempo. É uma descoberta definitiva da cultura ocidental: é melhor não morrer.

Aconteça o que acontecer, não morra, especialmente por uma coisa bem simples de entender: não é necessário. Não é necessário morrer. Antes se acreditava que sim, antes se acreditava que era necessário morrer.

Antes a vida valia menos. Agora vale mais. A geração de riquezas, a abundância material, faz que os andrajosos históricos (aqueles a quem, há décadas, tanto fazia estar vivos ou mortos) adorem estar vivos.

A classe média espanhola dos anos 1950 e 1960 transmitiu a seus rebentos aspirações mais sofisticadas.

Minha avó morreu nem sei em que ano. Talvez em 1992 ou 1993, ou em 1999 ou em 2001, ou em 1996 ou em 2000, por aí. Minha tia ligou com a notícia da morte da mãe de meu pai. Meu pai e a irmã não se falavam. Ela deixou uma mensagem na secretária eletrônica. Eu ouvi a mensagem. Dizia que embora não se dessem bem, tinham a mesma mãe. Isso: tinham a mesma mãe, o que era motivo de aproximação. Fiquei pensativo quando ouvi essa mensagem; sempre entrava uma luz muito forte na casa de meus

pais que fazia que os fatos perdessem consistência, porque a luz é mais poderosa que as ações humanas.

Meu pai se sentou em sua poltrona. Uma poltrona amarela. Não iria ao enterro, foi sua decisão. Ela havia morrido em uma cidade distante, a uns quinhentos quilômetros de Barbastro, a uns quinhentos quilômetros de onde, nesse momento, meu pai recebeu a notícia da morte de sua mãe. Simplesmente não quis ir. Não estava a fim de dirigir tanto. Ou ficar dentro de um ônibus durante horas. E ter que achar esse ônibus.

Esse fato gerou cataratas de outros fatos. Não me interessa julgar o que aconteceu, e sim narrar ou dizer ou celebrar. A moralidade dos fatos é sempre uma construção da cultura. Os fatos em si são seguros. Os fatos são natureza, sua interpretação é política.

Meu pai não foi ao enterro de minha avó. Que relação ele tinha com sua mãe? Não tinha nenhuma relação. Sim, claro, tiveram no início dos tempos, não sei, lá pelo ano de 1935 ou 1940, mas essa relação foi evaporando, desaparecendo. Acho que meu pai deveria ter ido a esse enterro. Não pela mãe morta, e sim por ele, e também por mim. Ao ignorar esse enterro estava decidindo também ignorar a vida em geral.

O mistério supremo é que meu pai amava a mãe dele. A razão por não ter ido ao enterro dela é que seu inconsciente rejeitava o corpo morto de sua mãe. E seu eu consciente era alimentado por uma preguiça invencível.

Misturam-se em minha cabeça mil histórias relacionadas com a pobreza e com como a pobreza acaba nos envenenando com o sonho da riqueza. Ou com como a pobreza engendra imobilidade, falta de vontade de entrar em um carro e rodar quinhentos quilômetros.

O capitalismo afundou na Espanha no ano de 2008; nós nos perdemos, já não sabíamos a que aspirar. Começou uma comédia política com a chegada da recessão econômica.

Quase sentimos inveja dos mortos.

Meu pai foi queimado em um forno a diesel. Ele nunca manifestou nenhum desejo do que queria que fizessemos com seu corpo. Limitamos-nos a nos livrar do morto (o corpo jacente, aquilo que havia sido e já não sabíamos o que era), como faz todo mundo. Como farão comigo. Quando alguém morre, nossa obsessão é varrer o cadáver do mapa. Extinguir o corpo. Mas por que tanta pressa? Pela corrupção da carne? Não, porque agora

existem geladeiras muito avançadas no depósito de cadáveres. Um cadáver nos assusta. O futuro nos assusta, aquilo em que nos transformaremos nos assusta. Ficamos aterrorizados com a revisão dos laços que nos uniram a esse cadáver. Assustam-nos os dias passados ao lado do cadáver, o monte de coisas que fizemos com esse cadáver: ir à praia com ele, almoçar com ele, viajar com ele, jantar com ele, inclusive dormir com ele.

No fim da vida das pessoas, o único problema real que surge é o que fazer com o cadáver. Na Espanha há duas possibilidades: a inumação ou a cremação. São duas belas palavras cujas raízes estão no latim: transformar-se em terra ou em cinzas.

A língua latina prestigia nossa morte.

Meu pai foi cremado em 19 de dezembro do ano de 2005. Agora me arrependo, foi uma decisão apressada, talvez. Por outro lado, o fato de meu pai não ir ao enterro de sua mãe, ou seja, minha avó, teve a ver com o fato de o termos cremado. O que é mais relevante: indicar meu parentesco e dizer “minha avó” ou indicar o de meu pai e dizer “sua mãe”? Não sei que ponto de vista escolher. Minha avó ou sua mãe, nessa escolha está tudo. Meu pai não foi ao enterro de minha avó e isso teve a ver com o que fizemos com o cadáver dele; teve a ver com a decisão de queimá-lo, cremá-lo. Não tem a ver com o amor, e sim com a catarata dos fatos. Fatos que geram outros fatos: a catarata da vida, água que está correndo o tempo todo enquanto enlouquecemos.

Também percebo neste instante que em minha vida não aconteceram grandes coisas; contudo, carrego um profundo sofrimento dentro de mim. A dor não é, em absoluto, um impedimento para a alegria – tal como eu entendo a dor –, pois para mim está vinculada à intensificação da consciência. O sofrimento é uma consciência expandida que alcança todas as coisas que foram e serão. É uma espécie de gentileza secreta com todas as coisas. Cortesia com tudo que foi. E da gentileza e cortesia nasce sempre a elegância.

É uma forma de consciência geral. O sofrimento é uma mão estendida. É gentileza para com os outros. Enquanto sorrimos, por dentro desfalecemos. Se escolhemos sorrir em vez de cair mortos no meio da rua é por elegância, por ternura, por cortesia, por amor aos outros, por respeito aos outros.

Nem sequer sei como estruturar o tempo, como defini-lo. Volto a esta tarde de maio de 2015 que estou vivendo neste instante e vejo espalhados em cima de minha cama, de um jeito caótico, um monte de medicamentos. De todos os tipos: antibióticos, anti-histamínicos, ansiolíticos, antidepressivos.

E mesmo assim celebro estar vivo e sempre celebrarei. O tempo vai caindo sobre a morte de meu pai, e muitas vezes já tenho dificuldades para recordá-lo. No entanto, isso não me entristece. O fato de meu pai caminhar para a dissolução total enquanto eu e meu irmão somos os únicos que o recordamos me parece de uma imensa beleza.

Minha mãe morreu há um ano. Quando ela era viva, algumas vezes eu quis falar de meu pai, mas ela se recusava. Com meu irmão também não posso falar muito de meu pai. Não é uma recriminação, em absoluto. Entendo o desconforto, e de certo modo o pudor. Porque falar de um morto, em algumas tradições culturais – pelo menos na que me coube –, implica um forte e acre grau de despudor.

De modo que fiquei sozinho com meu pai. E sou a única pessoa deste mundo – ignoro quanto a meu irmão – que o recorda diariamente. E diariamente contempla seu desvanecimento, que acaba transformado em pureza. Não é que o recordo diariamente: é que está em mim de uma forma permanente, é que eu me retirei de mim mesmo para dar lugar a ele.

É como se meu pai não houvesse querido estar vivo para mim – quero dizer que não quis me revelar sua vida, o sentido de sua vida: nenhum pai quer ser um homem para seu filho. Todo o meu passado afundou quando minha mãe fez o mesmo que meu pai: morreu.